



ICEBERGS

Busílis (00) [R]

Não que eu goste de mexer em ninho de marimbondos, se é que eles têm ninho, mas, simplesmente, *contemplá-lo*, isso é inegável. Por exemplo, isso aí que está acontecendo, ou que já aconteceu, é o típico exemplo daquilo que eu costumo relacionar com o termo *pontas de iceberg*. Todos assistimos a *Titanic*, de modo que podemos ter uma vaga idéia do que seja um *iceberg*; quanto mais, do que seja *pontas de iceberg*. Pensemos mais atentamente esse negócio de *pontas de iceberg*: vamos, pois, imaginar que estamos todos velejando, lá mesmo naqueles mares do *Titanic*; já podem imaginar o intenso frio que estamos, pois, sentindo; e, sabemos, esse frio todo só faz bem aos casais, que não se importam de partilhar mutuamente seus egoísmos; quanto ao resto, os egoísmos são simplesmente *projetados*, mas já fujo do assunto. Bem, então estamos todos lá, curtindo aquele frio, os casais egoístas tentando, inutilmente, combater o frio com os míseros calores conjuntados e esfregados de seus míseros corpos (coitados...), quando alguém, atento, grita: “Mas, OH, vejam só ali: é um *iceberg!* Mas, OH!”. Mas como sempre há um mais atento, este não reluta em fazer pilhérias da exclamação alheia: “Não seja *toló!* É apenas uma *ponta de iceberg!*”. E aqui entra a contribuição do *observador*, ele pensa: “Mas... tanto é um *iceberg* quanto uma *ponta de iceberg!*”. Como, porém, o *observador* apenas *observa*, sua contribuição passa a ser a mais egoísta de todas, pois ele

não se incomoda de *partilhar* o que sabe com o resto do grupo; e faz isso não porque não quer, *mas sim porque não sabe como fazê-lo*, e isso é *sutil*. Bem, partindo da observação do *observador*, podemos então concluir: o que a *ponta de iceberg* suscita não é nada mais nada menos que a própria extensão do *todo* do *iceberg*, isto é, tanto *ponta* como o *todo partilham da mesma substância*. Agora, transpondo isso para a problemática Ceron versus TEP e o aluno Z, apenas uma coisa necessita ser dita, para o *esclarecimento* das questões levantadas: o que se viu e ouviu foi apenas a *ponta do iceberg*; entretanto, se nos detivermos *apenas* nessa *ponta*, isso significará que estamos nos ocupando *da menor parte do problema*; o *todo continuará submerso*. Vamos supor que algum intelectual amante de Heidegger, que havia resolvido velejar conosco pelos frios mares das filmagens do *Titanic*, toma em mãos o seu livro preferido desse autor e, bem naquela região sagrada na qual o *Jack* afundou, para sempre, na obscura e misteriosa profundidade abissal do reino de Posêidon, resolve recitar para os amantes egoístas este trecho: “(..) Este verdadeiro aprender é, por consequência, um tomar muito peculiar, um tomar no qual aquele que toma, toma, no fundo, aquilo que já tem. A *este* aprender corresponde, também, o ensinar. Ensinar é um dar, um oferecer; no ensinar, não é oferecido o ensinável, mas é dada somente ao aluno a indicação de ele próprio tomar aquilo que já tem. Quando o aluno recebe apenas qualquer coisa de oferecido, não aprende. Aprende, pela primeira vez, quando experimenta aquilo que toma como sendo o que, verdadeiramente, já tem. O verdadeiro aprender está, pela primeira vez, onde o tomar aquilo que já se tem é um *dar a si mesmo* e é experimentado enquanto tal. Por isso, ensinar não significa senão deixar os outros aprenderem, quer dizer, um conduzir mútuo até à aprendizagem. Aprender é mais difícil do que ensinar; assim, somente quem pode aprender verdadeiramente e somente na medida em que tal consegue pode verdadeiramente ensinar. O verdadeiro professor diferencia-se do aluno somente porque pode aprender melhor e quer aprender mais autenticamente. Em todo o ensinar é o professor quem mais aprende. O aprender mais difícil consiste em acolher o que há para conhecer e que nós sempre soubemos, de modo efetivo e até ao fundo. Um tal aprender, o único a que aqui nos entregamos, exige que nos detenhamos permanentemente naquilo que aparentemente está mais próximo (...)”...e aqui o nosso fecundo heideggeriano tem de interromper a leitura, devido ao ronco dos casais, egoisticamente adormecidos. Bem, não é a minha intenção *interpretar* esse trecho aí, isso é tarefa do *leitor sério*. Somente desejo dizer que isso tem a ver

NESTA EDIÇÃO

	página
Aviso aos novos bolsistas...	03
Próximo COREP em Mogi	03
Informes do CAII	03
O Mecânico e a Pessoa	04
Um Ensaio Sobre a “Ilusão”	04
Trabalho com Idosos	05
Suado	05
O Retorno de Marilu	06
V Semana do Livro	07
Relembrando a Semântica	07
Teses e Dissertações	07
Sacarose	08
Lançamento de Livro	08
E quebre o tamborim mesmo!	08

com o que eu chamo de *condutas de colegial*. Veja-se o histórico da maioria dos alunos deste Instituto, e de quaisquer outros: viemos todos *diretamente* do colegial; sim, o cursinho faz parte disso também. Daqui, diversas coisas poderiam sair, mas devemos nos concentrar naquilo que a situação exige: a *nossa* relação com aquilo que *estudamos*. Na época, saudosa, de colégio, como se moldava essa relação? Basicamente, era uma relação *quantitativa*, de causa e efeito. Por exemplo, estudávamos Física como se estivéssemos escolhendo os ingredientes de um bolo: “hum...para fazer isso e aquilo *só preciso* dessa e daquela *fórmula* etc etc”. Ora, *fórmula mágica*? Não sejamos ingênuos, decerto que *não!* É triste dizer uma coisa dessas, é como saber que não existe Papai Noel ou que o Leonardo Di Caprio trocou a internacional e estrangeira Gisele Bündchen por uma sirigaitinha siliconada qualquer: nós, ex-colegiais e pretensos futuros *profissionais*, na verdade *nunca* aprendemos Física. E, também, *não sabemos nada* de Química, *ignoramos completamente* o que seja a Matemática, *esquecemos o que sabíamos* de Português e *fomos obrigados* a “aprender” (“the book is on the table”) Inglês. Só não desconhecemos *completamente* a História e a Geografia porque *isso é impossível*, já que, sabemos, possuímos uma persistência no tempo e ocupamos um lugar no espaço. Agora, mais triste ainda, é isto aqui: *persistimos, ainda na “faculdade”, com essas mesmas condutas de colegial*, isto é, “decoramos” uma porção de coisas chatas (conceitos, palavras-chaves, condutas de como se agir numa entrevista, como se “analisa” um “paciente” etc etc) e não nos espantamos com isso. Vejam, o que diferencia “decorar” e “aprender”? Respondo: a motivação e o interesse. Uma coisa da qual não duvido e nunca duvidei é que *se algo lhe agrada, o que você faz em nome desse algo não lhe é de modo algum fastidioso ou cansativo*. E, em termos gerais, ousou afirmar: *nós ainda não sabemos o que significa aprender*, no sentido da citação de Heidegger. Por exemplo, uma simples palavrinha como essa, *inconsciente*, deveria espantar; “Ora, como assim *inconsciente*, já que eu estou aqui, *agora*, pensando nisto e não consigo ver como algo pode ser *inconsciente* a mim mesmo?; então quer dizer que há *algo* em mim que me *impede* de conhecer-me a *mim mesmo*? E o que esse *algo* faz? Como será que ele *age* dentro de mim?”. E, no entanto, o que fazemos? Apenas escrevemos, bonitinho, nos nossos impecáveis cadernos de capa dura e/ou nas nossas livres folhas de fichário colorido: “*inconsciente*, da tópica tal e tal de Freud no ano de blá blá blá”. Ora, *não pensamos nem naquilo que nós próprios escrevemos!*; se bem que, pelo lado bom, isso seria uma boa prova da existência de um *inconsciente*. No colegial, sabíamos que Newton foi um carinha que “inventou” algumas leis da física clássica e tal e tal. *Agora*, sabemos que Freud foi um carinha que “inventou” a psicanálise e tal e tal. Percebem? Ora, carinhas como Newton e Freud foram muito mais do que meros “inventores”; na verdade, antes disso, preocuparam-se com aquilo que se passava *às suas voltas*,

detiveram-se naquilo que os intrigava, isto é, tudo o que estavam vendo. Qual a diferença entre a mecânica dos corpos e o “funcionamento” do aparelho psíquico? Eu só vejo uma: a primeira foi objeto de atenção de Newton (e não só dele), e a segunda, de Freud (e não só dele). Olhem agora o que se passa ao redor de vocês: corpos se movimentando e uma porção de pessoas agindo, *atuando no mundo*; acham que isso era diferente na época de Newton ou de Freud? Simplesmente, *não!* E qual é então a diferença? Já disse: o interesse e a motivação. Ou, como dizia Platão, *o espanto*. A vida só é tediosa para aquele que não sabe como enxergá-la; devemos, pois, abrir os *olhos do coração!* Exagero? Vamos pensar em Beethoven quando compunha a sua nona sinfonia: alguém duvidará dos *olhos do coração?* Einstein intrigado com a beleza das questões cósmicas: *é coração!* Você envolvido com aquilo de que você *gosta*: isso são os *olhos do coração!* Com esse termo, desejo apenas dizer que tudo aquilo que se nos mostra como *obrigatório* ou *chato* não constitui, de fato, um *envolvimento de espírito*, mas sim um *peso ideológico*. Isso serve para qualquer coisa que desperte a nossa atenção, desde namoros até os mais complexos e interessantes dilemas cósmico-existenciais. Ora, o que é a Psicologia senão uma porção de Homens pensando em como se dão algumas relações entre Homens, num mundo *humano*? As *condutas de colegial* fazem ecoar em nossas cabeças a seguinte ordem: “Vamos, trate de se apressar! Leia tudo o que puder no menor tempo possível! Pense já na sua pós-graduação e de como você vai fazer para *passar a perna* em seus adversários, porque você sabe, amigo, a vida é dura e quem é fraco apanha!”. Sim, concordo que a vida é dura, mas isso não é *natural*, quer dizer, não é natural que tenhamos que pensar de maneira tão *quantitativa* e *eficiente*. E, acho, concordar com esse tipo de pensamento significa *fechar os olhos do coração*. Apenas desejo dizer: isto aqui *não é* uma guerra, *não é* uma corrida; portanto, *abandonemos as condutas de colegial!* Inversamente, em relação àqueles que ensinam, se o que é ensinado foi, por sua vez, *aprendido* de maneira *colegial*, então obviamente o *ensino* procederá sob as mesmas rédeas cegas da *conduta de colegial*. Quando Lacan disse “Não existem lacanianos, só existe o Lacan” (acho que foi isso), acho que ele quis dizer que todos temos a *capacidade* de pensarmos *o mundo e seus habitantes* com as nossas *próprias cabeças*, e que isso *não é errado*. E, eu acho, só idolatramos Lacan e o escambau porque achamos que eles pensaram nas coisas melhor do que nós próprios, quer dizer, achamos que nunca poderíamos ter tido aquelas idéias e coisas tais. Se nos recusarmos a pensar (ou, antes, especular, refletir) e a observar aquilo que nos acontece, a todo o momento, à nossa volta, é óbvio que *idéia alguma nos surgirá nas células cinzentas*. Entretanto, apesar de verdadeiro, é estranho dizer isto: *o que se pode observar, porém, não pode ser observado com os olhos*. Mas, é melhor recolhermos a nossa embarcação, antes que afundemos na abissal desconhecida escuridão do fundo do mar gelado. Mas, também, por que não? 

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Carlos Hideaki Fujinaga “Batata” (99) e Danilo Silva Guimarães (01)

[R] = Texto Revisado

Diagramação: Guilherme Gibran Pogibin (98) **Revisão:** José Israel Guedes Rodrigues (01).

Publique no BOCA: Envie para o e-mail do BOCA textos anexados como documentos do MS-Word (.doc) ou imagens preto e branco até o meio-dia de Domingo. As reuniões da Comissão Organizadora ocorrem semanalmente às terças-feiras, das 13:00 às 13:30. Participe!

Aviso aos novos bolsistas PIBIC

Rebeca de Castro (01) RD Comissão de Pesquisa [R]

Com o objetivo de assegurar a ampla divulgação de informações relativas à pesquisa, normas e prazos do CNPq, solicito aos alunos abaixo relacionados que me informem seu e-mail e telefone o mais breve possível. Estas informações, assim como quaisquer dúvidas ou sugestões, devem ser enviadas para rebecaeugenia@uol.com.br. Esclareço, desde já, que a divulgação dos nomes através do Boca se deve à urgência em torno do evento SIICUSP, que será realizado no início de novembro e poderá contar com a participação de alguns dos novos bolsistas.

Adriana Fiorini
Carla Alessandra Barbosa Gonçalves
Cláudia Fernanda Rodriguez
Elaine Cristina Bulgarelli
Elisabete Cristina Lopes
Érica de Oliveira Lino dos Santos
Érika Thiemi Sakai
Graziela Marcheti Gomes
Ive Naomi Sassano
Izabel Almeida
Janaina Corazza Barreto Silva
Lucas Ramos Napolitano
Lucimara Silva de Souza
Mariana Castro Arantes
Marina Fibe De Cicco
Paulo Keishi Ichimura Kohara
Tatiana Tung Gerencer
Tiago Falótico
Yumi Leite Misumi



INFORMES DO CAII

José Israel (01) [R]

REUNIÃO DE 09.10.02

No BOCA nº 23, foi omitido o nome de um dos componentes do corpo diretivo do CAII. A relação completa é: Ana Carolina Comin Vargas Carol Vargas (01); Mário César da Silva Chuchu (01); Marcelo Soares Vilhanueva Guarujá (01); Ji Young Chang (01); Ana Carolina Branco Bastides Karu (01); Letícia Larangeira Carvalho Lets (01); José Augusto Gomide Mochel Maranhão (01); Marília Marra de Almeida (01); Sérgio Paes de Barros (02) e Tereza Kelly Mitie Ogata (01).

COREP-SP [Conselho Regional dos Estudantes de Psicologia de São Paulo]. O próximo encontro COREP-SP será em Mogi das Cruzes, no campus da Universidade Braz Cubas UBC, dias 19 e 20 próximos. Um dos principais itens a ser tratado será: Integração Aluno e Movimento Estudantil. Discutiram-se diversos tópicos a respeito desse encontro, como: custeio de passagens, alojamento, refeições etc. Os interessados em participar do evento devem registrar seu nome na lista correspondente, afixada no balcão do Serviço de Xerox da Val.

SEMANA DA PSICOLOGIA [VIII Semana da Psicologia da USP de 21 a 25.10.02]. Estão previstas diversas mesas de discussão, diariamente, e a realização de oficinas na quinta-feira, 24.10, entre 10 e 12h. As inscrições para as oficinas podem ser feitas com a Mariane Ceron (tel.

PRÓXIMO COREP EM MOGI DAS CRUZES -19 e 20 de outubro

Gui (98)

A próxima reunião do COREP (Conselho Regional dos Estudantes de Psicologia do Estado de São Paulo) acontecerá em Mogi das Cruzes, na Universidade Braz Cubas. O CAII pagará o transporte dos interessados em comparecer à reunião, que terá como pauta principal a organização do V EREP-SP (Encontro Regional dos Estudantes de Psicologia do Estado de São Paulo), que terá como sede nossa casa, a USP.

O tema do V EREP-SP é **Movimentos da Psicologia: Transcendendo os Limites Acadêmico, Político e Social**. O evento contará com oficinas, mesas-redondas, grupos de trabalho, eventos culturais, baladas e muito mais. Fique de olho no início das inscrições, que provavelmente terá início logo após o COREP Mogi. E participe!!!

“V EREP-SP - Eu vou!!!”



91493372). Discutiu-se a organização de um evento festivo para o final desse encontro.

ELEIÇÕES PARA O DCE. Em 24 e 25 próximos será realizada a votação para a escolha dos componentes do DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES DA USP, para a próxima gestão. Concorrem estudantes afiliados a entidades como PCO, PORCA, PSTU e COLETIVO GRAÚNA. O colega Leonardo, da Chapa BORANDÁ (do Coletivo Graúna) discorreu sobre os propósitos de sua chapa para tratar assuntos como: nova regulamentação da Licenciatura na USP; a importância de cada Curso; fortalecimento de cada CA e de sua vinculação com o DCE; a importância das Fundações; o “bandeirão” fechado etc.

ELEIÇÃO DOS RD (Representantes Discentes). A eleição dos novos RD (cerca de 16) está prevista para 13 e 14 de novembro próximo. Discutiu-se a necessidade da realização de encontros entre os estudantes e seus atuais representantes. Marcou-se um primeiro encontro para o dia 06.11.02

CALOURADA 2003. O Sérgio (02) fez breve relato sobre o atual estágio da organização da próxima calourada e ouviu sugestões para uma melhor preparação desse evento.



O Mecânico e a Pessoa

Joari (98) [R]

A pessoa teve o seu automóvel apresentando problemas e tentou arrumá-lo. Pegou o manual recomendado, que apresentava os prováveis motivos de cada problema a ser manifestado. Se isto, aquilo; se cá, lá; se assim, então; etc. Após ler o manual, a pessoa resolveu encontrar o problema. Parte, emperra, tranco, vruimmm, morre. Com essa pista, tentou a pessoa identificar o problema dentre os previamente esperados no manual. Não havia um exatamente igual. Resolveu, então, procurar algo equivalente. Encontrou dois problemas possíveis, com respectivas causas diferentes. De acordo com a prescrição do manual, procurou, primeiro, o fusível que deveria queimar para não queimar o sistema elétrico inteiro. Fusível intacto. Imediatamente, ora, procurou a segunda causa, do segundo problema, uma das velas. Uma a uma, as várias velas daquele 16V foram avaliadas e aprovadas. Nem um, nem outro problema, pasmem; nem uma nem outra causa. A pessoa ficou a pé nesse dia.

Voltando para casa, à noite, passa diante de uma pequena oficina mecânica. Pára, comenta sobre o caso: parte, emperra, tranco, vruimmm, morre. O mecânico se oferece para conhecer o automóvel. Diante da máquina, o mecânico pede à pessoa para tentar ligar o carro, a fim de conferir o que estava acontecendo. De fato era o que a pessoa dizia. A

pessoa oferece o manual para o mecânico, cuja atitude é lê-lo como se lesse um gibi, expressando suas emoções diante do que lia e via. Após a instrução, diz à pessoa que iria descobrir o que acontecia. Pergunta-lhe sobre o que vinha fazendo com o carro: - Carro novo, problema longe. Quando o usara pela última vez: - Na noite anterior. Até que indagou sobre o combustível: - Nem lembro quando coloquei álcool... Então o mecânico procurou o tanque e descobriu: tanque vazio. O mecânico volta à sua oficina, pega um tanque portátil com álcool, retorna ao carro parado, coloca o combustível no tanque e pede para a pessoa tentar ligá-lo novamente. Parte, liga, motor engasga, afoga, motor gosta, vrummm.

A pessoa fica satisfeita com o trabalho do mecânico e lho paga sem nem mesmo negociar, como retribuição. Mas a pessoa fica curiosa com o procedimento que considerou antiquado, afinal, o mecânico não pareceu não dar muita importância para as orientações do manual. Assim, após o pagamento, a pessoa pergunta-lhe sobre como havia descoberto o que estava acontecendo. O mecânico responde: - Pessoa, para descobrir o que acontecia, eu precisava conhecer o seu carro todo e o que você fazia com ele. Aquele manual não dizia como você usa o seu carro nem aonde ele já andou, muito menos que você tinha se esquecido de colocar o álcool.



Um Ensaio Sobre a "Ilusão"

Beto (00) [R]

2

Formas - Espaço

A situação parecia não poder ficar pior, mas ficou... Em instantes começou uma chuva torrencial, chovia a cântaros. As gotas continuavam transparentes, a não-cor continuava não-cor. Traçavam no céu o pedaço do seu ciclo (evaporam, condensam e chovem) para se repetir. Caminho da eterna repetição, como o do homem. Só que este parece ter a oportunidade de mudar, apesar de não fazê-lo.

A discussão das cores, no bar continuava

- Azul...!
- Verde...!
- Vermelho...!
- Amarelo...!

E mal sabiam eles que o pior ainda estava por vir... E veio...

- Meu Deus, Mauro!!! O que está acontecendo?!
- Nossa...! As formas... as formas.....

O noivo trouxe no tom de suas palavras a tristeza que sentia. Viu as formas se alterando como num passe de mágica.

- Meu Deus!!! Isto já é demais, não merecemos mais essa punição... não... não merecemos...!

Leandro estava convencido de que tudo aquilo que acontecia era obra de Deus.

- As formas... tão belas... voltem... voltem...

Depois da repentina perda das cores, a perda das formas veio como a morte de um ente querido. Mas é lógico que elas não se perderam por completo ficaram algumas formas: o círculo, o quadrado e o triângulo, assim como seus derivados: a esfera, o cubo e a pirâmide (uma pirâmide tetraédrica, formada apenas por triângulos). Mas conforme aconteceu às cores aconteceu às formas. Elas trocaram de lugar e se reduziram.

Imagine você leitor, que essas letras que você lê agora, não existissem mais, mas sim e, apenas, seus fundadores, os quadrados, os triângulos e os círculos e que esse papel que você segura se tornasse um círculo, não só aos seus olhos, mas também às suas mãos, na verdade todas as outras formas derivam dessas três, mas pense que não haverá delas suas combinações, mas apenas elas.

E aqui, na prisão que se encontra de apenas poder pensar as coisas a partir de suas experiências, você se pergunta: "Mas como? Se as formas mudassem assim num repente também ocorreria um enorme terremoto, uma avalanche de ex-prédios cairia sobre nossas cabeças, aviões deixariam de voar, pneus parariam de rodar...! E tantas outras coisas..." É, isso é uma verdade, mas desculpando-me com os físicos e com os obsessivos digo-lhes: isso não ocorreu, prédios não caíram, os aviões continuaram no céu e os pneus continuavam a rodar, mas todos, não só os físicos e os obsessivos, ficaram confusos...



- Olhe o copo está em forma de pirâmide!
- É... ficou até bonito.
- A mim parece uma bola...
- E está bonito, não é?
- É está, como ficou a você?
- É uma bola....
- Para você ficou uma bola, querida?
- É...
- Mas... mas a mim não...
- Como ficou a você?
- Ficou uma pirâmide também...

As formas humanas mais uma vez não foram alteradas, assim como suas cores, o chão que todos pisam também não e a chuva se transformou em algo infinitamente belo. As gotas que caíam do céu se unindo uma à uma; atraídas pelo chão aos milhares, ganharam diversas formas. Se pensarmos bem uma linha reta bem feita é, na verdade, um pequeno retângulo, a forma da gota, por sua vez, está mais para a forma de um cilindro, mas aqui não há mais cilindros, assim aqueles que se aproximassem das gotas as veriam da forma que o cilindro se transformou para elas: para algumas um cubo, para outras uma esfera e para outras uma pirâmide.

SUADO

Joari (98) [R]

Subordinação
Subordina a ação
Sub urdição
Sub unção
Sub nação

Subordinado
Sub ordinário
Sub dinár
Sub indicado
Sub detectado

Subornado
Sub ordenado
Sub ordenhado
Sub ornado
Sub honrado

Subo ou nado
Suco amargo
Sul do rabo
Surrado
Surtado

Suado

(09/10/2002)



16/10/2002

Trabalho com idosos

Kelly (02)

Oi, gente. Eu estou fazendo um trabalho voluntário (com atividades de socialização que envolvem aspectos da psicologia) com idosos ex-portadores de hanseníase todas as segundas das 8:00 às 10:00h num pensionato em Guarulhos e estou precisando muito de auxílio. Está sendo um aprendizado e tanto para mim e também é muito gratificante. Se alguém tiver interesse no trabalho, por favor, entre em contato comigo na Faculdade ou por telefone (64551659/ 97544290). Pretendo tentar conseguir uma bolsa de cultura e extensão assim que for possível.



- Nossa está muito estranho esse uísque verde dentro desse copo quadrado...
- É... a mim o uísque está verde também, mas o copo está em forma de pirâmide e a base é a boca do copo...
- É... a mim está assim também com o uísque azul...
- Quer dizer que a ponta da pirâmide está para baixo?
- É.
- E como é que o copo não cai?
- Não sei...
- Pronto...
- Pronto?
- É, assim podemos saber quem é que está certo e quem não está...
- Hã...!?
- Bem, quem está vendo o copo em forma de pirâmide já está errado...
- Como assim errado?
- Nós sabemos que se o copo estivesse dessa forma que vocês disseram cairia, assim vocês estão vendo errado, nós que vemos em forma de bola devemos empurrar o copo, se ele rolar estamos certos, se não, também estamos errados...
- Mas quem disse que na verdade o copo sempre pôde ficar em pé e assim, nós é que antes víamos errado?

Acho que todos sabemos aonde chegará essa discussão. O famoso "lugar nenhum" a espera ansiosamente. O homem pensa muitas coisas a partir de convenções, se algo é redondo, é redondo, se não é, não é. Pense o que seria de nossa comunicação se essa verdade se esvasse. E, ainda, Imagine se o amigo que discute soubesse que aos olhos de quem vê o copo em forma de pirâmide, há a impressão de um balcão esférico e, por isso, este vê os copos como que quase flutuando no ar.

- Me dê, então, esse copo...

Quando o que via o copo em forma de pirâmide pegou o copo e resolveu dá-lo ao que via em forma de círculo ocorreu algo surpreendente. A forma de sua mão, ao pegar o copo, parecia pegar uma pirâmide aos que viam uma pirâmide, aos que viam uma esfera parecia pegar uma esfera e aos que viam um cubo parecia pegar um cubo.

- Olhe você pegou uma bola, veja...
- Não... pegou um cubo e com todo cuidado que é necessário às mãos...
- Não sejam bobos ele pegou uma pirâmide...
- É... peguei uma pirâmide...
- Mas sua mão... ela está com a fôrma necessária para se pegar uma bola!
- É..?
- Não... ela está com a fôrma necessária para se pegar um cubo!
- Não sejam tolos ele pegou uma pirâmide, nós vimos e ele o sentiu, não sentiu?
- É, senti...

*****Continua*****



O Retorno do Maravilhoso Mundo de MariLu em

Corra que a MariLu vem aí 33³/₄

Luis (01) e Mari B. (98)

Saudações, caros-amigos-futuros-psicologuinhos-ou-não! Sentiram minha falta? Ainda se lembram de mim? Se vocês estão achando que eu simplesmente sumi do mapa por vontade própria, mordam a língua! Os deuses e essa sociedade suja, capitalista, chauvinista confabularam contra mim! Vocês acreditariam se eu dissesse que aquela maldita sopa me rendeu uma economia de alguns quilinhos, mas, em compensação, me deu um revertério que me levou a um confinamento de regime semi-aberto em uma clínica de desintoxicação alimentar? É lógico que eu ia emagrecer vomitando jatos enfadonhos de meu suco gástrico por duas semanas! O pior era a crise de abstinência, os tremores, todo aquele suor (argh!) sem nenhum requinte, e aquela roupinha da clínica (branco não combina com frio!).

Mas já que estava no inferno, tinha que abraçar o diabo, né? Quando finalmente saí da clínica, fui acometida por quatro homens armados (hummm.....e o que eram aqueles homens armados!!!!!! Se tivessem tirado a meia-calça do rosto...) que me socaram no porta-malas de um opalão azul-calcinha que definitivamente não combinava comigo, pois se é pra seqüestrar, que pelo menos seja em grande estilo: carrão do ano, chofer, bandidos loiros, altos, de terno e gravata, máscaras de ex-presidentes norte-americanos, como o Patrick Swayse em "Caçadores de Emoções"! Não contentes com toda essa cafonice os delinqüentes me hospedaram num moquifo de quinta categoria (as paredes nem eram cimentadas!) que fedia pastilhas de privada (aquelas presas com arame, sabem?). E foi uma baixaria: me obrigaram a comer quentinha com uma banana frita em cima do feijão, dormi nuns trapos que cheiravam galinheiro, o banheiro era um buraquinho no chão e nem descarga tinha!

Vocês acham que eu ia viver naquela pocilga? Claro que não! Já no segundo dia

exigi uns tecidos floridos para fazer umas cortininhas para alegrar o lugar, uns vasinhos de flores para purificar o ar e trazer bons fluidos, afinal, não fiz o curso de Feng-shui por nada, né? Mas aquilo tudo começou a me cansar! O governador não entrava em nenhum acordo com os seqüestradores, a imprensa deixou de noticiar meu sumiço, então percebi que teria que fazer justiça com as próprias mãos.

Peguei minha lixa de unhas de metal (nunca saia sem ela!) e minha cola de cílios postiços, soltei o meu Megahair e enquanto eles dormiam explodi aquele galinheiro e fugi pela janelinha (como vocês sabem, se passar a cabeça, passa o corpotodo!).

Não foi difícil sair dali, ganhei a estrada pegando carona com um trio elétrico eleitoral que fazia propaganda na região (em ano de eleição, tudo é possível!) e finalmente estou aqui, de volta para o delírio de vocês...

Agora eu quero tudo novo! Porque vocês sabem, se você não muda, o Brasil também não muda! Depois de ter chegado tão perto da morte resolvi dar um rumo novo à minha vida, quero ter um filho, ainda estou escolhendo o pai, tinha pensado no Roberto Justus, mas não sei ainda....

Bom, como está na hora das minhas atividades filantrópicas vou deixa-los refletindo sobre esse assunto tão atual e importante que resolvi trazer para vocês hoje.

Beeeeeeeeeeijos e...té semana!

E não se esqueçam: Se vocês estiverem em um túnel escuro nunca se aproximem da luz! Pode ser um disco voador! (Vocês viram o que aconteceu com o Mel em Sinais?)

E m a i l d a M a r i L u :
ommmarilu@yahoogrupos.com.br

B l o g d a M a r i L u :
ommmarilu.blogspot.com



V Semana do Livro e da Biblioteca na USP

14 a 18 de outubro de 2002

Enviado pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do IP

Atividade na Biblioteca do IPUSP:
REVISTAS NA INTERNET: descubra o caminho para o texto completo
Serão sorteados livros entre os participantes da atividade.



RELEMBRANDO A SEMÂNTICA

José Israel (01) [R]

Pronomes demonstrativos II

No número 23 do BOCA, referi-me à definição de pronome demonstrativo **aquele que indica a posição espacial ou temporal de algo em relação a uma das pessoas do discurso** e identifiquei essas pessoas **a que fala (1ª), a com quem se fala (2ª) e a de quem se fala (3ª)**. Exemplifico: 1: “Estes comentários que redijo **neste** dia 12 poderão ser lidos por você **nesse** BOCA nº 24, e, assim, ajudá-lo(a) a evitar **aquelas** incorreções a que me referi no BOCA nº 23.”; 2.: “Um dos membros do CA obteve autorização para retirar de

determinados locais **aquelas** aranhas de estimação...”.

Acrescento que no discurso pode haver a indicação da posição de algo em relação a uma outra pessoa (a 4ª?), referenciada pela 3ª pessoa e distanciada tanto dela quanto dos interlocutores (1ª e 2ª pessoas), como neste exemplo: “Um aluno diz a outro: ‘A professora informou ao Diretor que os alunos rejeitaram a explicação dela.’”. [“Professora” e “Diretor” são agentes distanciados entre si e ambos, distanciados dos interlocutores (1ª e 2ª pessoas).] Mas a Gramática não diferencia este caso daquele da 3ª pessoa.

Os pronomes demonstrativos “Este” (e variações) e “Esse” (e variações) podem **indicar a posição temporal de um ou mais de um termo no próprio discurso. “Este” (e variações) é utilizado para indicar o que vai ser dito imediatamente. “Esse” (e variações) faz referência ao que já foi dito.** Exemplos: 1.: “Muitos acham que o Lula está imbatível desta vez. Mas, **essa** “certeza” é temerária, pois, não se deve menosprezar **isto**: os agentes capitalistas internacionais, aliados às elites econômicas nacionais reacionárias, podem reverter **esse** quadro através da mídia.”; 2.: “Alguns colegas do primeiro ano dizem que não gostam de Estatística no Curso de Psicologia. **Essa** opinião, aparentemente, é antipática, mas, na verdade, reflete apenas **isto**: eles não tiveram o necessário esclarecimento sobre a utilidade dessa Disciplina para o Curso.”.

Os demonstrativos “Este” e “Aquele” e suas **variações respectivas podem ser usados para inserir no discurso uma oposição entre termos, quando estes já foram expressos.** Exemplos: 1.: “Jogaram voleibol, nesse domingo, Rússia e Brasil, **este** com muita criatividade, **aquela** com muita força e disciplina.”; 2.: As mulheres no Curso de Psicologia são em maior número do que os homens, mas, **estes**, por serem muito mais participativos, superam **aquelas** em quase todos os campos do IPUSP.

Continua

Obs.: Comentários favoráveis ou não (sugestões e críticas) serão bem-vindos e respondidos. Especialmente, sugestões de temas de semântica da Língua Portuguesa, os quais, tão logo seja possível, serão tratados nesta seção. Correspondência a respeito deve ser dirigida para <jose_israel_01@yahoo.com.br>



Teses e Dissertações a serem defendidas

(16 a 30 de outubro)

enviado por Batata (99)

Candidata: Marly de Jesus Silveira (Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano)

Tese: Educação, diferenças e desigualdade: a contribuição da escola neste enfrentamento

Orientador: Professora Doutora Iray Carone

Data Defesa Pública: 17 de outubro de 2002 às 14:00h

Local: Sala 26 do Bloco Didático do IP

Candidata: Maria Aparecida da Silva Bento (Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano)

Tese: Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público

Orientador: Professora Doutora Iray Carone

Data Defesa Pública: 24 de outubro de 2002 às 14:00h

Local: Anfiteatro do IP

Candidato: Nelson Passagem Vieira (Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano)

Dissertação: Indo mais rápido: para onde? Um estudo do projeto classes de aceleração da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo

Orientador: Professora Titular Maria Helena Souza Patto

Data Defesa Pública: 25 de outubro de 2002 às 10:00h

Local: Sala 14 do IP



Sacarose

Lúcia (02)

Era linda! De uma beleza juvenil, assim fresca e inocente. Revoava simples. Pisca-piscava os olhos úmidos. Falava não: encantava!

E um dia:

- Estou num impasse. Piso mansinho e sussurro uns clichês nesse diálogo falso-violeta, ou cuspo umas verdades e escarro o esterco humano entalhado a machadadas?

Lépida, saiu gentil.



Lançamento de Livro

Família: conflitos, reflexões e intervenções

André (97)

Organizadores/Autores: Marcelo Lábaki Agostinho e Tatiana Maria Sanchez / Sylvia Leser de Mello, Luiz Meyer, Andrei Koerner, Sidney Shine, Rosa de Lourdes Azevedo dos Santos, Rubens de Camargo Ferreira Adorno, Andréa Machado, Belinda Mandelbaum, Ana Lúcia A. G. Vianna e Marta Cerruti.

Lançamento: 22/10/2002 (terça-feira)

Horário: A partir das 19h30

Local: Casa do Psicólogo Livraria (Rua Mourato Coelho, 1059)



E quebre o tamborim mesmo!

Jonas Boni (02) [R]

De repente eu acordei naquele dia escuro e me vi no espelho. Não podia ser aquela pessoa que sempre pensei ser. Como? Tão diferente. Mas eu não era bonito? E eu não era feliz? E eu não mais tocava no seu corpo? Como se um músico tão bom e conhecedor de tal instrumento pudesse tão faticamente estar aposentado com as mãos amordaçadas no cabelo em frente a objeto tão mentiroso?

O que eu pensei saber é que eu era aquele mesmo homem, sensível, e extremamente receptivo a qualquer onda de emoção solta no ar. Mas acho que não mais. Meus dedos doíam à dor de não poder nem sequer mais soar nenhuma nota em tão vil corpo. Malvado, maquiavélico e enfadonho. Corpo besta que me fez pensar não ser mais capaz de ser eu mesmo.

Por mais que tentasse, meus tímpanos apenas vibravam com a dor da partida de algo que perdeu totalmente sua afinação. As notas não eram mais encaixadas na melodia de um dia bonito ou feio, triste ou alegre; a insignificância havia tomado conta do corpo e o feito apenas uma célebre peça de um museu não visitado há anos. Algo que apenas servia de casa para as poeiras sórdidas perdidas ao vento.

Como eram lindas as músicas! Os dedos passeavam pelo instrumento de forma erótica e perfeita, a ponto de fazer qualquer coisa soltar-se aos prantos numa convulsão infinita que mais pareciam orgasmos múltiplos. E de repente eu aqui. Parado. Estancado num quarto sem acústica e envolto na fumaça maligna que entupia meus pulmões. Por onde olho apenas vejo notas e sinfonias estampadas nas coisas fúteis trazidas de viagens ao antigo mundo. E que mundo feliz.

Não agüento mais. Será preciso sair? Consigo? Mas, com que roupa? Ainda as tenho? Não as levarei também? Não quero pensar que meu guarda-roupa também possa estar vazio assim como minha conta bancária. Há apenas uma coisa cheia, entupida, estourando de tanta raiva e angústia. Algo que corre por todos os membros. Algo que excita e brocha numa fração de segundo.

Talvez uma bebida baste e eu volte aos grandes salões musicais que enchíamos com nossos urros de prazer. Até o silêncio era a sinfonia perfeita. Não adianta mais. Apenas o que me resta é a insólita vontade de beber, fumar e me masturbar. Você está longe, com suas pernas longas e torneadas. Rodando para bem longe de mim, descobrindo qualquer outro ser de "botequim" numa aventura que termina numa simples troca de frases. Foi bom pra você?

E aí, compensou? Tá tudo bem? Porque eu estou aqui. Sentado já na cama apreciando esta vista deformada em frente ao espelho. Reflexo de uma pessoa cancerígena e morta aos poucos. Vá. Não pare. Quem disse que é pra pensar num monte de bosta sentado à beira de uma cama que cheira ao seu corpo ainda?

Acho que vou trocar a roupa de cama. Sei lá. Arrumar toda a bagunça que deixou ao quebrar meu tamborim e levar consigo toda minha criatividade e vontade de compor. Não se preocupe. Suma. Fuja para seu mundo de ilusão. Ficarei aqui mesmo apreciando a maravilhosa vista desgraçada que pintou com suas unhas sujas de traição.

Não. Lógico. Ninguém mais estúpido que eu mesmo. A não ser o estrupício que está sorrindo ironicamente pra mim do espelho. Eu simplesmente não suporto mais olhar e vê-lo caçoando de mim. E o que eu faço? Eu não sei. Estou perdido em notas desafinadas de minha própria canção. Rasgá-la? Cortar cada tira de papel e torná-las apenas rascunhos de um compositor idiota que acreditou compor enquanto estava surdo, cego e extremamente sensível.

Chega. Não dá mais. Será o espelho. A cama. Os lençóis de animaizinhos ridículos. O urso de pelúcia marcado com suas digitais. Os vidros de remédios. Tudo. Tudo, inclusive eu, o mais marcado com sua presença, será jogado fora. Pela janela até a rua. Num movimento sincronizado e harmônico. Não sobrará nada, apenas o resto do tamborim, aquele mesmo que você deixou ao fugir. Espalhados pelos cantos de uma casa vazia. Apenas com seu cheiro e seus sons. Sons de uma sinfonia acabada e sem sucesso.

